

Como citar: SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. *A construção medieval da memória de santos venerados na cidade do Rio de Janeiro: reflexões sobre um projeto de pesquisa em andamento*. In: Revista Digital Simonsen. Rio de Janeiro, n.4, Jun. 2016. Disponível em: <www.simonsen.br/revistasimonsen>

História

A CONSTRUÇÃO MEDIEVAL DA MEMÓRIA DE SANTOS VENERADOS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: REFLEXÕES SOBRE UM PROJETO DE PESQUISA EM ANDAMENTO

Por: Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva¹

Introdução

Desde outubro de 2015 coordeno um projeto, financiado pela Faperj por meio de do programa Cientista do Nosso Estado, que tem como principal objetivo discutir o papel da Ordem Mendicante,² em particular das famílias franciscana e dominicana,³ na construção medieval de memórias sobre santos que foram e ainda são venerados na cidade do Rio de Janeiro. Neste

artigo, apresento as linhas gerais dessa proposta, que visa articular pesquisa, ensino e extensão.

Esta pesquisa é desenvolvida junto ao Programa de Estudos Medievais da UFRJ,⁴ e está vinculada ao projeto coletivo *Hagiografia e História: um estudo Comparativo da Santidade*. Reunindo professores e alunos em diversos níveis de formação, o objetivo central desta investigação, iniciada em 2000 e que

¹ Graduada e licenciada em História- UFRJ; Mestre em História Antiga e Medieval – UFRJ; Doutora em História Social – UFRJ; Foi professora da Pós-graduação Lato-Sensu das Faculdades Simonsen entre 1988 a 1992. Professora Titular do Instituto de História da UFRJ; Bolsista PQ do CNPq e Cientista do Nosso Estado-Faperj; autora de *Reflexões sobre a hagiografia ibérica medieval: um estudo comparado do Liber Sancti Jacobi e das vidas de santos de Gonzalo de Berceo*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2008. Email: andreiafrazao@ufrj.br.

² Adotamos a definição de ordem religiosa proposta por Ignazia Maria Angelini: “es un grupo más o menos numeroso de fieles que, mediante los votos de pobreza, castidad y obediencia, pertenece a una determinada familia nacida de un fundador, con una Regla propia para la cual la Orden há sido fundada”. Ainda segundo a autora, são Ordens Religiosas as de Cavalaria ou Militares, as Canônicas, a Monástica e Mendicantes. Cf. *El Catolicismo*. Buenos Aires: Hyspamérica, 1985. p.92.

³ Além dos franciscanos e dominicanos mencionados no texto, os servitas, os carmelitas eremitas e os eremitas de Santo Agostinho são famílias religiosas pertencentes à Ordem Mendicante. Sobre o que caracteriza a vida religiosa mendicante, abordaremos no decorrer do texto.

⁴ Para maiores informações sobre o Programa de Estudos Medievais ver www.pem.historia.ufrj.br. Acesso em 28/04/2016.

funciona como uma linha de pesquisa, é estudar a trajetória de homens e mulheres que viveram e/ou atuaram nas Penínsulas Ibérica e Itálica entre os séculos XI ao XIII, bem como os textos hagiográficos produzidos nesse mesmo recorte espacial e temporal.

A partir das reflexões historiográficas, constituí, previamente, alguns eixos de análise, a fim de direcionar o referido estudo, a saber: a relação entre o culto aos santos, a produção hagiográfica e a Igreja Romana; as confluências e conflitos entre as práticas e as crenças da religiosidade face às oficiais no tocante à veneração de determinadas personagens; as articulações entre a espiritualidade leiga, o culto aos santos e a produção hagiográfica; a presença, nos textos hagiográficos e nos diversos outros aspectos ligados ao culto de pessoas consideradas dignas de veneração, de discursos de gênero; os centros de ensino e produção das hagiografias, e o caráter didático e propagandista das hagiografias.

A pesquisa que ora apresentamos surgiu da combinação de alguns desses eixos, focando em um aspecto específico deste objeto de pesquisa: a análise, a partir da categoria gênero, da construção, por religiosos

mendicantes, da memória de pessoas que foram e são veneradas como santas no Rio de Janeiro, presentes em textos hagiográficos compostos no século XIII.

O culto aos santos na cidade do Rio de Janeiro

Com a chegada dos portugueses e demais grupos europeus e a inserção do catolicismo no Rio de Janeiro, a prática de veneração aos santos foi iniciada e se expandiu no decorrer dos séculos de nossa história. Neste sentido, desde os primórdios, o povoamento da região foi associado aos santos. O próprio nome dado à cidade, fundada em 1565,⁵ homenageava a São Sebastião, até hoje considerado o padroeiro local. Desta forma, pouco tempo depois da fundação da urbe foi erguida uma capela consagrada ao santo, colocada aos cuidados de uma confraria.⁶

Além do padroeiro, outros santos foram venerados desde o início da colonização. O professor João Baptista Ferreira de Mello destaca, por exemplo, que ainda no primeiro século de existência da cidade foi erguido um templo dedicado a Santa Luzia,⁷ na área central da povoação.⁸

Com a chegada das diversas ordens religiosas, com suas práticas devocionais e

⁵ Sobre as controvérsias sobre a fundação da cidade, ver BELCHIOR, Elysio. Estácio de Sá e a fundação do Rio de Janeiro. *HISTÓRIA*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 77-99, 2008.

⁶ Idem, p. 89.

⁷ A Baía de Guanabara foi denominada como baía de Santa Luzia por Fernão de Magalhães, que chegou a região no dia da festa da santa, em 13 de dezembro de 1519, ou seja, bem antes da fundação da cidade. Cf.

<<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/hrsxvi.htm>>. Acesso em 11 julho de 2014.

⁸ MELLO, J. B. F.. Insulares Santuários das Políticas Públicas da Cidade Maravilhosa de São Sebastião do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, n. 1, 2007. p. 3. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st7/Mello,%20J%20oao%20Baptista%20Ferreira%20de.pdf>>. Acesso em 29 de junho de 2014.

livros litúrgicos, outros cultos foram difundidos, como os dedicados a S. Bento, S. Antônio, Sta Clara, Sta Rita de Cássia, S. Gonçalo de Amarante,⁹ que estavam vinculados aos diferentes institutos religiosos.

Também é importante destacar a veneração às diversas manifestações à Virgem, resultante da crescente devoção mariana, que se expandiu em toda a Europa Ocidental, a partir, sobretudo, do século XII, e também foi implantada no Brasil.

Boanerges Ribeiro, em sua obra sobre a chegada do protestantismo em solo brasileiro no período monárquico, elabora uma listagem dos santos que em meados do século XIX eram cultuados na corte. Dentre estes, percebe-se o predomínio dos santos antigos, cuja memória foi construída e preservada no decorrer do medievo, bem como dos medievais:

“**São Gonçalo d’Amarante**, patrono do casamento, especialmente para as moças; daí ser ele homenageado com festividades e danças. **Santo Amaro**, protetor das vítimas de fraturas e mutilações. **Os cinco Franciscanos, mártires em Marrocos**, protetores contra febres, calafrio e pleuris. **São Sebastião**, protetor contra as pestilências e os contágios. **São Braz**, protetor contra afecções da garganta. **Santa Apolônia**, protetora contra dor de dentes. **São Lázaro**, protetor contra a elefantíase e as moléstias contagiosas. **Santa Margarida de Cortona**, protetora das parturientes. **Santo Agostinho**, padroeiro da boa memória e da vocação para estudos. **Nossa Senhora da Conceição**, padroeira dos estudos acadêmicos e profissionais e também das moças que desejam bons

maridos. **Santa Luzia**, protetora contra as dores e moléstias dos olhos. **Santo Antônio**, advogado das causas perdidas e de vários assuntos. **São Jerônimo**, protetor contra trovões e raios. **Santa Bárbara**, protetora contra trovões, raios e tempestades. **São Simão Estilita**, protetor contra as mesmas calamidades. **São José**, padroeiro dos bem casados e dos maridos fiéis. **São Benedito**, protetor contra mordidas de cobra e répteis venenosos. **São Cornélio**, advogado dos maridos que desejam que suas mulheres vivam em virtude. **São Lourenço**, protetor contra tempestades e os redemoinhos. **São Tude**, protetor contra as tosses rebeldes. **São Bartolomeu**, protetor contra a loucura e a possessão demoníaca. **São Miguel**, advogado dos que lhe são devotos, especialmente em todas as segundas-feiras. **São Tomaz Aquino**, padroeiro da boa memória, etc. **São Hermenegildo**, protetor contra as tempestades. **São Macário**, advogado dos que desejam que suas mulheres sejam virtuosas e fiéis. **São Francisco de Paula**, patrono da caridade e da boa vontade para com os vizinhos. **São Pedro Gonçalves**, patrono dos marinheiros. **São João Nepomuceno**, patrono dos confessores e dos que não traem os segredos do confessional. **São João**, patrono dos clérigos bem-educados. **Santo Onofre**, advogado que auxilia as mulheres a conhecerem o caráter de seus amados. **São Miguel dos Santos**, protetor contra o câncer e os tumores. **São Libório**, protetor contra cálculos. **São Sérvulo**, protetor contra paralisia.”¹⁰ Grifo meu.

Esta veneração aos santos manteve-se no século XX, difundida entre diversos grupos sociais, como conclui Margarida Maria Moura. Em seu artigo *Santos Santinhos: um fragmento da vida sacramental, festiva e familiar da alta classe média carioca 1910-1960*, a pesquisadora estuda “os santinhos impressos em papel, distribuídos nas festas urbanas por

⁹ Cf. <<http://obomdorio.blogspot.com.br/2012/01/igreja-de-sao-goncalo-do-amarante.html>>. Acesso em 10 de julho de 2014.

¹⁰ RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil Monárquico*. São Paulo: Pioneira, 1973. p. 163-164.

ocasião de batizado, primeira comunhão, crisma, casamento e falecimento”.¹¹ O seu objetivo é analisar a distribuição das imagens em papel como um “circuito de trocas de bens simbólicos”, mas o que nos interessa identificar, a partir de seu estudo, é a continuidade da presença, em meio à sociedade carioca no século XX, da veneração aos santos cuja memória foi construída e/ou transmitida durante o medievo.

Segundo Moura, variando conforme a ocasião, eram distribuídas estampas com imagens de Sta Maria, S. João, Sta Luzia, Sto Antônio de Pádua, S. Francisco, Sta Rita de Cássia, Sta Engrácia, S. Pedro Gonçalves, S. Jorge, S. Braz, Sta Mônica, Sto Agostinho, S. Cosme e S. Damião.

Mesmo nas últimas décadas, com a crescente secularização da sociedade; a expansão de outros grupos religiosos, em especial os evangélicos, e mudanças na própria Igreja Católica Romana, a devoção aos santos, novos ou antigos, persiste. Santinhos ainda são produzidos e distribuídos, como destaca Margarida Moura;¹² as festas religiosas continuam a serem organizadas, como as celebradas em honra a Santo Antônio, São João, Santa Clara, São Francisco, São Cosme e Damião; muitos de nossos feriados são dias

dedicados a santos, como São Sebastião (20 de janeiro), São Jorge (23 de abril) e Nossa Senhora de Aparecida (12 de outubro) e a arquidiocese do Rio de Janeiro trabalha para canonizar diversos santos locais, como Odetinha e Guido, o “Padre surfista”.¹³

É inegável que a veneração aos santos deixou marcas não só na religiosidade carioca, mas em diversos campos, como na toponímia, na paisagem, no calendário, nas manifestações artísticas, na linguagem, nas festas populares, etc. Muitos santos, como S. Jorge, S. Antônio, S. Cosme de Damião, foram assimilados pelos grupos afro-religiosos. Ou seja, os santos participam, direta ou indiretamente, da vida de todos os moradores do Rio de Janeiro, mesmo entre os não católicos.

Assim, desde o período colonial, como atestam documentos textuais e materiais, diversos santos, reconhecidos oficialmente pela Igreja Romana ou não, foram e são cultuados na cidade do Rio de Janeiro. Sem dúvidas tais devoções ganham particularidades em função da conjuntura histórica específica, dos grupos sociais aos quais os fiéis estão vinculados, da instituição patrocinadora do culto, etc., mas as memórias associadas às suas vidas e trajetórias continuam fundamentadas nos relatos constituídos no medievo pelas

¹¹ MOURA, Margarida Maria. Santos santinhos: um fragmento da vida sacramental, festiva e familiar da alta classe média carioca 1910-1960. *Cadernos CERU*, São Paulo, n. 17, p. 1-33, 2006.

¹² Idem.

¹³ Cf. <[\[canonizacao-de-guido\]\(http://arqrio.org/noticias/detalhes/1876/archidiocese-do-rio-dara-entrada-no-processo-de-canonizacao-de-guido\)>,
<<http://arqrio.org/noticias/detalhes/9/odetinha-primeira-carioca-em-processo-de-beatificacao>>,
<<http://arqrio.org/noticias/detalhes/1609/protagonistas-da-fe>>. Acesso em 10 de julho de 2014.](http://arqrio.org/noticias/detalhes/1876/archidiocese-do-rio-dara-entrada-no-processo-de-</p></div><div data-bbox=)

Ordens Mendicantes. A fim de compreendermos os usos possíveis desta memória, faz-se necessário retomá-las e discuti-las a partir de outras perspectivas.

Os mendicantes, sua presença no Rio de Janeiro e o culto aos santos

Vinculando minhas reflexões sobre o medievo com as devoções dos cariocas no decorrer da história da cidade, selecionei santos cuja memória foi organizada e difundida por mendicantes, Ordem surgida no século XIII em meio às diversas transformações que, segundo a historiografia, marcaram os séculos XI, XII e XIII: a expansão demográfica, o incremento das atividades de produção e comércio de bens diversos, crescimento ou fundação de cidades; organização da Igreja Romana; surgimento das universidades, dentre outros fenômenos.¹⁴

Durante o século XIII surgiram diversas famílias religiosas, que passaram a ser

denominados como mendicantes,¹⁵ inauguraram uma nova forma de vida religiosa, fundamentada na pobreza voluntária, na itinerância, no estudo, na pregação e no cuidado pastoral, com atuação, mormente, em cidades e vilas.¹⁶ Como sintetiza Little: “a principal característica da espiritualidade mendicante era o apostolado ativo voltado para a população urbana laica”.¹⁷ Neste aspecto reside a justificativa da escolha pelo estudo da memória dos santos construída pelos mendicantes: esses religiosos contribuíram para “florescer os exemplos de piedade e devoção individualizadas, interiorizadas e acessíveis a todos, mesmo aos grandes excluídos até então, os leigos que viviam no Século”.¹⁸

Como aponta José Mattoso em um artigo publicado em 2009, os Mendicantes “foram protagonistas principais de uma grande transformação religiosa”.¹⁹ Contudo, para

¹⁴ Sobre essas transformações há uma ampla bibliografia. Na listagem de referências ao final do artigo incluo algumas.

¹⁵ Segundo Augustine Thompson o termo “mendicantes”, para designar uma forma particular de vida religiosa, foi usado pela primeira vez por Salimbene de Adam, em sua crônica, composta na década de 1280. Para o autor, porém, a constituição jurídica de uma Ordem Mendicante, reunindo diversos institutos religiosos, foi se configurando paulatinamente nos séculos XIII e XIV. THOMPSON, Augustine. *The Origins of Religious Mendicancy in Medieval Europe*. In: PRUDLO, Donald (ed). *The Origin, Development, and Refinement of Medieval Religious Mendicancies*. Leiden: Brill, 2011. p. 3-30, p. 23-29.

¹⁶ Sobre as ordens mendicantes ver, dentre outros, LAWRENCE, C. H. *The Friars: The Impact of the Mendicant Orders on Medieval Society*. Revised paperback edition. New York: I. B. Tauris, 2013; VAUCHEZ, A. As ordens mendicantes. In: CORBIN, Alain (Dir.) *História do Cristianismo*: para compreender

melhor nosso tempo. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 213-217; LINAGE CONDE, Antônio. Las Órdenes religiosas de la plenitud al ocaso del medievo. In: MITRE FERNADEZ, Emílio (coord). *Historia del Cristianismo*. Madri: Trotta, 2006. V. II. p. 439 – 520; CANTERA MONTENEGRO, Margarita, CANTERA MONTENEGRO, Santiago. *Las órdenes religiosas em la Iglesia medieval*. Siglos XIII a XV. Madrid: Arco, 1998; LINAGE CONDE, Antônio. *Las ordenes mendicantes*. Madrid: Historia 16, 1985;

¹⁷ LITTLE, Lester K. Monges e religiosos. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean Claude (Org.). *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Bauru/SP: EDUSC, 2002. 2v., V. 2, p. 225-241.

¹⁸ ROSA, Maria de Lourdes. A santidade no Portugal medieval: narrativas e trajectos de vida. *Lusitania Sacra*, Lisboa, 2ª série, n. 14- 15, p. 369-450, 2001-2002. p. 382.

¹⁹ MATTOSO, José. Perspectivas de investigação em história religiosa medieval portuguesa. *Lusitania Sacra*, Lisboa, 2ª série, n. 21, p. 153-171, 2009. p. 167.

compreendermos o alcance das alterações da vida religiosa e eclesial que eles propiciaram, é necessário discutir sobre “o que eles fizeram”.²⁰ E dentre as questões que o historiador português aponta para nortear esse estudo encontra-se qual foi a influência cultural desta Ordem. Considero que a investigação sobre a memória dos santos construída pelos mendicantes pode contribuir justamente para o aprofundamento desta questão, pois o uso dessa memória foi uma estratégia dos frades em seu esforço pastoral. Como destaca Perez Embid Wamba, os mendicantes utilizavam episódios das vidas dos veneráveis, retirados da hagiografia, como “exempla”, a fim de incluir em seus sermões ensinamentos de caráter moral e estimular os fiéis à confissão.²¹ Esta estratégia teve um grande impacto cultural entre as populações, e não só no medievo, pois as memórias sistematizadas no século XIII foram amplamente difundidas, chegando até ao Brasil.

As famílias religiosas mendicantes expandiram-se para as várias regiões do mundo já nas décadas posteriores ao seu surgimento. Elas também se estabeleceram e atuaram na história do Rio de Janeiro: os carmelitas chegaram à cidade em 1589; os franciscanos, em 1592; as clarissas, no final do

século XVII ou início do XVIII; os servitas, em 1924; os dominicanos, em 1927, e os agostinianos descalços, em 1948. E, como já sublinhado no item anterior, auxiliaram na difusão à devoção a santos vinculados aos seus institutos religiosos.

Do conjunto de famílias mendicantes que se estabeleceram na região fluminense, optamos por estudar os santos vinculados aos franciscanos, que inclui as clarissas, e aos dominicanos. A opção por tais grupos refere-se ao grande volume e influência cultural de sua produção hagiográfica, se comparados às demais instituições religiosas.

Desta forma, dentre os diversos santos cultuados no Rio de Janeiro, foram selecionados onze para serem estudados. Quatro foram mendicantes da primeira hora: três franciscanos, S. Francisco, Santo Antônio e Santa Clara, e um dominicano, S. Pedro Gonçalves, sobre os quais foram produzidas lendas logo após a sua morte. Os demais sete viveram na antiguidade, Sta Maria, S. Jorge, S. Sebastião, S. João, Sta Luzia, S. Cosme e S. Damião, mas sua memória foi sistematizada e transmitida no medievo por mendicantes, em compilações denominadas como legendários breves. Eles começaram a ser organizados entre os anos 1230-1240,²² mas apesar de serem uma novidade do século XIII, como

²⁰ Idem.

²¹ PÉREZ-EMBED WAMBA, Francisco Javier. Sobre el trasfondo social de la predicación mendicante en Castilla y León (siglo XIII). *Erebea: Revista de Humanidades y Ciencias Sociales*, n. 1, p. 103-136, 2011.

²² NOCENTINI, Silvia. Medieval Collections of Saints' Lives. Disponível em https://notes.cendari.dariah.eu/cendari/ARG_Medieval_Collections_of_Saints_Lives/notes/272/. Acesso em 28/04/2016.

destaca Nocentini: “did not mean that there was any novelty regarding the saints included in these collections, which were overwhelmingly ancient and traditional saints, and a sign of the stability of cultural traditions in medieval society”.²³

Os santos cultuados no Rio de Janeiro

Passamos a apresentar brevemente os santos selecionados, seguindo a tradição hagiográfica. Ou seja, a partir das próprias memórias construídas sobre os santos, não à luz da historiografia.

S. Francisco nasceu por volta de 1182, em Assis, localizada na Úmbria, região central da Península Itálica. Seu pai era um mercador de tecidos. Assim, ele também atuou como comerciante. Quando jovem, após participar de uma guerra entre as cidades de Assis e Perúgia e ficar prisioneiro durante um ano, Francisco iniciou uma mudança de comportamento que culminou com o rompimento com a sua família e seu ofício e adoção da vida de penitente. Alguns anos depois, em 1208, começou a sua atividade de pregação e atraiu seguidores. Em 1209, recebeu do papa Inocêncio III a aprovação para o seu modo de vida religioso. A fraternidade cresceu e se expandiu e os problemas começaram a surgir. Assim, já em 1220, Francisco renunciou à direção do grupo, passando a dedicar-se à meditação, à oração e à pregação. Ele faleceu em 1226, em Assis.

Dois anos após a sua morte, foi canonizado pelo papa Gregório IX.

Sto Antônio nasceu no Reino de Portugal, provavelmente entre 1190 e 1195, em uma família nobre, o que, certamente, contribuiu para que recebesse uma sólida formação intelectual. Ainda bem jovem, ingressou na Ordem dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho. Depois de ter contato com alguns frades que foram martirizados no Marrocos, optou pela vida religiosa franciscana. Após tornar-se frade, foi guardião da ermida de Le Puy-en-Velary, custódio da região de Limoges e provincial da Romanha. Atuou na cidade de Pádua, onde veio a falecer em 1231. O santo ficou conhecido pela sua fama de eloquente pregador. Ele foi canonizado pelo papa alguns meses após a sua morte, em maio de 1232.

Sta Clara de Assis nasceu e viveu também em Assis, provavelmente entre 1194 e 1253. Pertencia à família nobre dos Favarone. Por volta de 1210, quando Francisco já recebera a aprovação oral de Inocêncio III para a sua fraternidade e pregava em Assis, começou a encontrar-se com a jovem em segredo. Cerca de dois anos após estas conversas periódicas, em 1212, no domingo de Ramos, a jovem saiu de sua casa e foi recebida por Francisco e demais irmãos na Igreja de Nossa Senhora dos Anjos, onde teve seus cabelos cortados, como sinal de sua dedicação a Deus. Ela não permaneceu com o grupo de

²³ Idem.

frades, mas foi levada primeiro para o mosteiro beneditino de São Paulo das Abadessas e, posteriormente, para a ermida de Santo Ângelo de Panço, onde sua irmã veio se juntar a ela dias depois. Estabeleceu-se definitivamente em São Damião, templo que foi reformado pelos frades anos antes. Ali, pouco a pouco, foram recebidas diversas outras mulheres, que formaram a primeira comunidade de clarissas.

Clara passou toda a sua vida religiosa em S. Damião, dirigindo o mosteiro; mantendo contatos periódicos com Francisco enquanto ele viveu, com outros frades, irmãs e com pontífices; escrevendo cartas e demais documentos, como uma forma de vida para a sua comunidade, que foi aprovada pelo Papado um pouco antes de sua morte, em 1253, bem como o seu Testamento. Ela morreu em 11 de agosto de 1253 e canonizada em 1255.

S. Pedro Gonçalves, mais conhecido atualmente como S. Telmo, nasceu em Fromista, Reino de Castela, por volta de 1190. Estudou nos Estudos Gerais de Palência, onde provavelmente foi ordenado clérigo, tornou-se membro do cabido da catedral e chegou a Deão. Após um episódio, no qual ao realizar um passeio no domingo de natal, com ricas vestes, caiu do cavalo em um lugar sujo e cheio de barro, resolveu ingressar na ordem dos pregadores. Realizou novos estudos, passando a pregar e ouvir confissões dos fiéis. Esteve na Andaluzia, acompanhando as tropas castelhanas nas guerras de conquista no sul da Península, e depois se dirigiu para a Galiza,

onde atuou como pregador. Faleceu em 1246, em Tui, onde foi sepultado.

Seu culto iniciou logo após a sua morte, mas só foi reconhecido pela Igreja Romana no século XVIII. Ele recebeu na ocasião o título de beato, ou seja, diferentemente dos três franciscanos anteriormente apresentados, seu culto não possui caráter universal. Contudo, a veneração ao santo obteve grande difusão, porque Pedro González foi considerado santo protetor dos marinheiros.

Sta Maria, também conhecida, dentre outros nomes, como Maria de Nazaré, a Virgem, Nossa Senhora, foi, segundo o Novo Testamento, a Mãe de Jesus. Viveu entre os séculos I a.C. e I d.C., na Palestina. No decorrer da história, Maria foi ganhando cada vez mais importância dentro do Cristianismo. Assim, foi-se elaborando uma teologia mariana, cujas principais formulações surgiram no medievo, tais como a ideia do nascimento virginal de Jesus; a sua perpétua virgindade, e a sua Assunção, que também foram objeto de celebração e incorporadas ao calendário litúrgico.

S. Jorge nasceu na Capadócia, no século III. Ingressou no exército romano, passando a ter um posto de destaque junto à corte imperial. Como era cristão, ao iniciar a chamada Grande Perseguição de Diocleciano, foi preso e torturado. Como não negou a fé, foi martirizado. Seu culto difundiu-se no Oriente desde o início do medievo, ganhando grande

expansão no Ocidente após o início das Cruzadas.

S. Sebastião nasceu no século III, em Narbonne. Teria migrado para Roma e se alistado no exército romano por volta de 283, tornando-se membro da Guarda Pretoriana. Com o início da Grande Perseguição, como S. Jorge, foi torturado e executado por meio de flechadas e jogado em um rio. Apesar de todo o sofrimento físico que lhe foi imputado, sobreviveu e foi resgatado. Após apresentar-se novamente ao imperador, foi finalmente morto.

S. João nasceu no século I, na Palestina. Era filho de Zacarias e Isabel, prima de Maria, mãe de Jesus. Ficou conhecido como o Batista, pois pregava o batismo como símbolo de arrependimento dos pecados. É considerado o precursor de Cristo. Foi morto degolado por Herodes Antipas, provavelmente em 26.

Sta Luzia nasceu no século III, em Siracusa, Sicília, em uma família cristã. Apesar de prometida em casamento, ela fez um voto de virgindade perpétua. O noivo, indignado, denunciou-a ao procônsul por ser cristã. Este mandou enviá-la para um prostíbulo, mas não conseguiram levá-la, pois ela ficou muito pesada. Após diversas torturas foi martirizada. Seu culto difundiu-se no Ocidente e no

Ocidente, consolidando-se no medievo associada à proteção aos olhos.

S. Cosme e S. Damião eram irmãos gêmeos originários da atual Ayas, localizada na Cilícia, Ásia Menor. Nasceram no século III, em uma família cristã. Eles eram médicos e auxiliavam as pessoas gratuitamente. Durante a Grande perseguição, já mencionada, foram presos e submetidos a diferentes torturas até serem mortos por decapitação. O culto aos irmãos desenvolveu-se desde os séculos iniciais do medievo, tanto no Oriente como no Ocidente. Eles são considerados os protetores dos médicos.

Pressupostos teóricos

A meta principal dessa pesquisa, como assinalado, é analisar a construção medieval da memória dos santos que foram e continuam a ser alvo de culto no Rio de Janeiro. Para efetuar essa análise, optei por empregar a categoria gênero, a partir das formulações de Joan Scott²⁴ e Jane Flax.²⁵

Concordando com Scott, adotei a definição de gênero como saber sobre as diferenças sexuais. O foco desta definição está no termo saber, cujo sentido a autora americana vai buscar em Michel Foucault. Para o filósofo, saber não é sinônimo de

²⁴ As reflexões aqui apresentadas foram elaboradas a partir da leitura de SCOTT, J. *A Cidadã Paradoxal. As Feministas Francesas e os Direitos do Homem*. Florianópolis: Mulheres, 2002; SCOTT, Joan. Prefácio a *Gender and Politics of History. Cadernos Pagu*, Campinas, n.3, p. 11-27, 1994; SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História*. Novas Perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992;

SCOTT, Joan. A Useful Category of Historical Analysis. *The American Historical Review*, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, Dec., 1986.

²⁵ FLAX, J. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). *Modernismo e Política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 217-250.

conhecimento, mas significa a compreensão sobre a organização social, que é não é objetiva nem neutra, pois é estabelecida historicamente e em meio às relações de poder.

Como o gênero é construído historicamente, não possui uma essência fixada nem é universal. Daí a proposição de que se trata de uma categoria “vazia”, pois não possui um conteúdo fixo, e, ao mesmo tempo, “transbordante”, pois a diferença sexual pode ganhar configurações diversas. Ainda para Scott o gênero compreende quatro elementos inter-relacionados: os símbolos, os conceitos normativos, as instituições e as identidades subjetivas e genéricas. Assim, o gênero constitui símbolos culturais, que produzem múltiplas significações; conceitos normativos, que compreendem as regras e leis e também as doutrinas, que sistematizam ideias sobre a natureza, a sociedade, a religião, a política, etc.; as instituições, como a escola, o monacato, o sistema jurídico, a polícia, etc. e, por fim, as identidades subjetivas e genéricas, ou seja, as que constituem os sujeitos e as que são impostas às pessoas.

Como parto da perspectiva que o social não é uma totalidade organizada com um núcleo que o determina ou que está fragmentado entre os aspectos materiais e discursivos, compreendo que o gênero é um dos muitos aspectos que o constitui, de forma complexa e dinâmica, produzindo significados. Desta forma, é válido sublinhar o

alerta Jane Flax: “a não ser que vejamos o gênero como relação social, e não como oposição de seres inerentemente diferentes, não seremos capazes de identificar as variedades e limitações de diferentes poderes e opressões de mulheres (ou de homens) dentro de sociedades específicas”.²⁶

O alerta de Flax se articula à segunda parte da definição de gênero proposta por Scott: gênero também é uma forma primária de significar relações de poder. Em minha interpretação, o gênero é um saber no qual e por meio do qual são constituídas estratégias para diferenciar, disciplinar, submeter, dominar, reprimir, negociar e legitimar as pessoas, utilizando-se de discursos sobre a diferença sexual.

Como optei por estudar a construção de memórias de santidade, é importante esclarecer que não adoto uma noção essencialista de santidade, mas histórica. Desta forma, o reconhecimento de uma pessoa como digna de culto se relaciona às relações de poder e aos saberes que inspiraram um determinado grupo/instituição a promover a memória de um dado santo, não à sua própria trajetória, ainda que repleta de virtudes. Assim, a atenção se volta também para os grupos/instituições que promoveram a produção dos materiais hagiográficos, cientes que esses materiais não podem ser considerados como um reflexo

²⁶ Idem, p. 246.

direto das intenções de seu promotor e/ou contexto no qual foi produzida.

Quanto à memória, parto da definição elaborada por Zilda Kessel, do Museu da Pessoa: “memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências/experiências ocorridas no passado”.²⁷ À luz das considerações feitas sobre gênero e santidade, quais são as implicações desta definição para a pesquisa?²⁸ Ainda que tenha uma dimensão pessoal, a memória é sempre social, pois é partilhada por um grupo. Ela é sistematizada e divulgada por meio da linguagem; em nosso caso, por meio de textos hagiográficos. O gênero constitui tais memórias, ainda que não as determine. As memórias são, simultaneamente, resultado e objeto de relações de poder, pois são disputadas pelos diversos grupos. Como aspectos que compõem a organização social, as memórias são dinâmicas e sofrem, no decorrer da história, acréscimos, supressões, ajustes e releituras, etc.

Tomando por base essas considerações teóricas, formulamos as seguintes questões iniciais de pesquisa: quais autoridades fundamentaram a construção de memórias de santidade pelos mendicantes? Em meio à quais relações de poder tais memórias foram compostas? Como a diferença sexual

participou da construção da memória medieval textual dos santos selecionados? Quais valores, comportamentos, papéis sociais, símbolos, atributos e identidades genéricas foram associados aos homens e mulheres considerados santos? Quais conflitos e negociações tais memórias expressam?

O Corpus documental

Para o estudo da construção medieval da memória dos santos selecionados, optei por analisar textos hagiográficos elaborados.²⁹ Para a análise da memória elaborada pelos mendicantes sobre os santos antigos, Sta Maria, S. Jorge, S. Sebastião, S. João, Sta Luzia e S. Cosme e S. Damião, escolhi a *Legenda Área* (LA).

A *Legenda sanctorum alias Lombardica hystoria*, como também é conhecida a LA, é um legendário que reúne na versão atual 243 capítulos, dos quais 182 são considerados originais. Tais capítulos se dedicam a apresentar relatos sobre festas litúrgicas e vidas de santos, apresentados individualmente ou em grupos, em sua maioria santos mártires antigos. Para a organização da obra foram utilizados diversos materiais anteriores. É justamente este caráter de reunião de diferentes textos que dá à obra o valor de síntese das construções medievais anteriores.

²⁷

http://www.museudapessoa.net/public/editor/mem%C3%B3ria_e_mem%C3%B3ria_coletiva.pdf

²⁸ Sobre as relações entre memória e história ver LE GOFF, J. *História e Memória*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

²⁹ As referências completas das edições das hagiografias medievais utilizadas na pesquisa encontram-se ao final do texto.

Como ressalta Le Goff, a LA “soube expressar, em toda a sua riqueza e sua complexidade, a originalidade configurada pela ideologia dominante do cristianismo”.³⁰

O coordenador da compilação é Jacopo de Varazze,³¹ também conhecido como Tiago de Voragine. Ele viveu entre 1226-1230 a 1298. Por volta de 1244 ingressou na Ordem Dominicana. Foi prior de Gênova, provincial da Lombardia, e arcebispo de Gênova. A obra foi redigida em latim e em prosa, com o objetivo de fornecer material para sermões e devoção pessoal. Há divergências quanto a sua data de produção, mas a maioria dos autores atualmente defende que o material foi produzido e revisto no decorrer da segunda metade do século XIII. Logo após a sua publicação em latim, a obra passou a ser traduzida para diversas línguas. Ela obteve uma grande circulação na Idade Média, perdendo somente para o texto bíblico. Só da versão em latim já foram localizados cerca de 1000 manuscritos medievais preservados.

Para o estudo da memória de São Francisco de Assis, será estudada a Vida Prima (1 Cel), a primeira legenda dedicada a organizar uma memória de santidade para o Santo de Assis. Ela foi escrita por Tomás de Celano, um dos mais importantes intelectuais da Ordem Franciscana em seus primórdios.

Ele nasceu por volta de 1200 em Celano, cidade situada em Abruzos, região então pertencente ao Reino da Sicília. Ingressou na Ordem em 1215. Em 1221, dirigiu-se como missionário para a Alemanha. No ano seguinte, tornou-se o custódio de Wormácia, Maiença, Espira e Colônia. Posteriormente, ocupou o cargo de ministro regional da ordem franciscana naquela área. Voltou para a Itália em 1223, período em que, provavelmente, pôde conviver um pouco com Francisco. Trabalhou como copista na biblioteca do Sacro Convento em Assis e deu assistência espiritual às clarissas de Tagliacozzo, cidade da Marca de Ancona. Morreu em 1260.

A 1 Cel foi escrita por ocasião da canonização de Francisco, no ano de 1228, a pedido do papa Gregório IX. O objetivo da obra era propagar, por toda cristandade, a biografia e os milagres do santo fundador da Ordem dos Menores recém-canonizados. Este texto foi, durante algumas décadas, a biografia oficial do santo de Assis. Está redigida em latim e em prosa e organizada em três livros. O primeiro, dividido em 30 capítulos, narra desde o nascimento de Francisco até o ano de 1224. O segundo, com 10 capítulos, tem como temática central os acontecimentos ocorridos nos anos de 1225 e 1226, finalizando com o relato da morte do santo. O terceiro está

³⁰ LE GOFF, Jacques. *Em busca do tempo sagrado: Tiago de Varazze e a Lenda dourada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 272.

³¹ Autores como Maggioni apontam para a produção coletiva da LA. Cf. Dalla prima alla seconda redazione

della Legenda aurea. Particolarità e anomalie nella tradizione manoscritta delle compilazioni medievali. *Filologia mediolatina*, n. 2, p. 259-278, 1995. p. 259.

dividido em duas partes: a primeira trata especificamente do processo de canonização e, a segunda, dos milagres após a morte.

Por ordem do Capítulo Geral de 1266, que instituiu a *Legenda Maior* de Boaventura como a oficial sobre Francisco, todas as outras biografias do fundador da ordem deveriam ser destruídas. Neste sentido, estas obras, dentre as quais 1Cel, foram abandonadas pelos franciscanos, sendo preservadas somente por outras instituições religiosas. Assim, a 1Cel só voltou a circular entre os menores em 1768.

A autoria da *Legenda de Santa Clara* (LSC) também é atribuída a Tomás de Celano. A obra foi escrita em 1255, por ocasião da canonização de Clara de Assis. Ela foi redigida em latim e em prosa, utilizando como principal fonte o Processo de canonização.³² Ela está dividida em duas partes. Na primeira é apresentada a biografia, a morte e os funerais de Clara. Na segunda, os milagres após a morte e a canonização. Esta hagiografia dirigia-se às mulheres, sobretudo às clarissas, e tinha como principal meta apresentar Clara como um modelo de Virgem reclusa a ser imitado. Não encontrei informações sobre a transmissão manuscrita desta obra.

A *Legenda Assidua* (Ass.), também conhecida como *Legenda Prima* ou *Vita Prima di S. Antonio*, é a primeira hagiografia escrita sobre Antônio de Pádua/Lisboa. A obra foi

composta entre 1232, data da canonização de Antônio, a 1239, momento da deposição de Frei Elias como ministro geral da Ordem. Está escrita em latim e em prosa. Não se sabe quem redigiu a obra, mas pela relação que o texto estabelece entre Antônio e Pádua, provavelmente essa cidade foi o lugar geográfico de produção da legenda.

Foram preservados cerca de 60 manuscritos desta obra, que a transmitiram de forma completa ou em extratos, mas até o momento ainda não foi realizado um levantamento completo dos códices. Eles são datados entre os séculos XIII ao XVIII e se encontram em diversos países da Europa.

A *Vita S. Petri Cundisalvi*, O P. Tudensis, também intitulada *Vita S. Petri Gundisalvi Tudensis* ou *Legenda Beati Petri Gundisalvi*, foi composta em latim e em prosa, no século XIII, por um autor anônimo, provavelmente vinculado à diocese de Tui. A obra narra a trajetória de Pedro González desde seu nascimento até os milagres que lhe foram atribuídos post mortem. Ela foi transmitida parcialmente pelo manuscrito n. 1 do Arquivo do Cabido Tudense, também conhecido como *Passionário de Tui*. Deste material há, contudo, uma cópia tardia com o texto integral.

A análise das hagiografias acima apresentadas, como já assinalado, será norteada pela categoria gênero e pelo conceito

³² Uma cópia do Processo de Canonização de Clara em umbro, datada do século XV, foi preservada. Mais informações disponíveis em

http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/index.php?option=com_fontes&view=leitura&id=723&parent_id=722.

de santidade histórica. Também partimos do pressuposto que a “linguagem não é nunca inocente. A definição e o significado de palavras/conceitos estão sempre conectados com o uso do poder”.³³ Deste modo, a análise das hagiografias será realizada empregando os métodos de análise narrativa, retórica e de conteúdo.³⁴

Por análise narrativa compreendo a identificação e o estudo dos diversos elementos que configuram a narrativa e que a tornam um todo de sentido, como o enredo, a caracterização dos personagens, a presença ou ausência de um narrador e a sua forma de inserção na narração, as indicações temporais e/ou espaciais, etc. Na análise retórica, busco identificar as estratégias textuais e a argumentação empregada pelo autor para contrapor e defender determinadas ideias. A análise de conteúdo é feita a partir de um assunto/matéria e tem a função de ser o núcleo central do levantamento de dados, direcionando a leitura. Desta forma, a atenção vai voltar-se para certos aspectos em detrimento de outros.

Será possível combinar as três técnicas, na medida em que os textos hagiográficos são narrativos; estão repletos de argumentos

retóricos, apresentados por meios dos personagens e/ou narradores, e em seu conteúdo são identificáveis diversos temas que dialogam com seu contexto de produção.

Considerações finais

A escolha da temática deste projeto justifica-se por duas razões principais. Por meio da continuidade da devoção e, por extensão, da memória sobre os santos, também são perpetuados discursos que articulam santidade e o gênero e que ainda funcionam como meios para legitimar grupos, instituir hierarquias face às diferenças, disciplinar corpos, controlar comportamentos e impor costumes e ideias. Desta forma, é importante desconstruir e desnaturalizar tais saberes.

Justamente porque os santos fazem parte da cultura carioca, defendemos que eles possuem grande potencialidade didática. Por meio da desnaturalização e desconstrução dessas memórias, é possível desenvolver estratégias de ensino e de divulgação acadêmica, a fim de abordar aspectos da sociedade medieval e propiciar a análise crítica sobre os saberes que buscam constituir e dar sentido às diferenças sexuais.³⁵

³³ MUNSLOW, A. *Desconstruindo a História*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 46.

³⁴ Faço uma apresentação mais detalhada dessas técnicas em Uma proposta de leitura histórica de fontes textuais em pesquisas qualitativas. *Signum*, v.16, p.131 - 153, 2015.

³⁵ Como exemplo, apresento uma síntese da atividade que desenvolvi na Escola Municipal João Monteiro em Itaipuaçu, município de Maricá, em abril de 2016. A

partir da exibição do filme "O Cavaleiro e o Dragão" (George and the Dragon, 2004), foi discutido como a persistente memória de São Jorge articula três grandes tradições: a do mártir antigo, que sofre torturas e é morto por não negar a sua fé; a do cavaleiro medieval, que luta contra o dragão e protege a donzela, e a do santo atual, que dá forças ao fiel para lutar contra as injustiças e dominações presentes na sociedade atual.

Defendemos que a pesquisa aqui apresentada, ainda em seu estágio inicial, possui potencial de inovação ao propor um novo olhar analítico para a hagiografia composta na Idade Média Central. O reconhecimento, a promoção e a construção de uma memória de santidade de um personagem obedecem a motivações que vão além das religiosas. Logo, o estudo de tais memórias permite discutir variados aspectos do social. Ao aplicar a categoria gênero para o estudo da santidade é possível identificar como os saberes sobre a diferença sexual afetam os critérios para o reconhecimento social de uma pessoa como venerável e os próprios devotos, na medida que os santos são alçados à modelos de comportamento. As tradições vinculadas aos santos e sua presença na cultura carioca podem ser estratégias didáticas para despertar o interesse para o aprendizado de sociedades distantes, propondo reflexões críticas sobre as transferências de memórias. Articulando a história medieval com a do Rio de Janeiro, pode-se discutir a complexidade das camadas de tradições culturais e repensar as relações passado-presente, propondo outras compreensões, que vão além das ideias de permanências e/ou longa duração.

Referências

Fontes Primárias

ANÔNIMO. Incipt Legenda B. Petri confessori, ordinis praedicatorum. In:

FLOREZ, E. *España Sagrada*. Madrid: Oficina da viuda e hijo de Marin, 1767. V. XXIII, p. 246-264.

GAMBOSO, Vergílio (ed.). *Vita Prima di S. Antonio o "Assidua" (c.1232)*. Pádua: Edizioni Mensagero, 1981.

JACOPO DE VARAZZE. *Legenda áurea: vidas de santos*. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PEDROSO, J. C. C. (Ed.). *Fontes Clarianas*. 4ed. Piracicaba: Centro franciscano de Espiritualidade, 2004.

TEIXEIRA, Celso Márcio (coord). *Fontes franciscanas e clarianas*. Petrópolis: Vozes, 2008.

SANTIAGO DE LA VORÁGINE. *La leyenda dorada*. Madrid: Alianza, 2000. 2 v.

Fontes Secundárias

BELCHIOR, Elysio. Estácio de Sá e a fundação do Rio de Janeiro. *HISTÓRIA*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 77-99, 2008.

CANTERA MONTENEGRO, Margarita, CANTERA MONTENEGRO, Santiago. *Las órdenes religiosas em la Iglesia medieval*. Siglos XIII a XV. Madrid: Arco, 1998.

FLAX, J. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In: HOLLANDA, H. B. (Org.) *Modernismo e Política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 217-250.

LAWRENCE, C. H. *The Friars: The Impact of the Mendicant Orders on Medieval Society*. Revised paperback edition. New York: I. B. Tauris, 2013.

LE GOFF, J. *História e Memória*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LE GOFF, Jacques. *Em busca do tempo sagrado: Tiago de Varazze e a Lenda dourada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

LINAGE CONDE, Antônio. *Las ordenes mendicantes*. Madrid: Historia 16, 1985.

- LINAGE CONDE, Antônio. Las Órdenes religiosas de la plenitud al ocaso del medievo. In: MITRE FERNADEZ, Emílio (coord). *Historia del Cristianismo*. Madri: Trotta, 2006. V. II. p. 439 – 520.
- LITTLE, Lester K. Monges e religiosos. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean Claude (Org.). *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Bauru/SP: EDUSC, 2002. 2v., V. 2, p. 225-241.
- MAGGIONI, Giovanni Paolo, Dalla prima alla seconda redazione della Legenda aurea. Particolarità e anomalie nella tradizione manoscritta delle compilazioni medievali. *Filologia mediolatina*, Florença, n. 2, p. 259-278, 1995. p. 259.
- MATTOSO, José. Perspectivas de investigação em história religiosa medieval portuguesa. *Lusitania Sacra*, Lisboa, 2ª série, n. 21, p. 153-171, 2009.
- MELLO, J. B. F. Insulares Santuários das Políticas Públicas da Cidade Maravilhosa de São Sebastião do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, n. 1, p. 1-13, 2007.
- MOURA, Margarida Maria. Santos santinhos: um fragmento da vida sacramental, festiva e familiar da alta classe média carioca 1910-1960. *Cadernos CERU*, São Paulo, n. 17, p. 1-33, 2006.
- MUNSLOW, Alun. *Desconstruindo a História*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- NOCENTINI, Silvia. Medieval Collections of Saints' Lives. Disponível em https://notes.cendari.dariah.eu/cendari/ARG_Medieval_Collections_of_Saints_Lives/notes/272/. Acesso em 28/04/2016.
- PÉREZ-EMBID WAMBA, Francisco Javier. Sobre el trasfondo social de la predicación mendicante en Castilla y León (siglo XIII). *Erebea: Revista de Humanidades y Ciencias Sociales*, Huelva, n. 1, p. 103-136, 2011.
- RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil Monárquico*. São Paulo: Pioneira, 1973.
- ROSA, Maria de Lourdes. A Santidade no Portugal Medieval: narrativas e trajectos de vida. *Lusitania Sacra*, Lisboa, 2 série, n. 14- 15, p. 369-450, 2001-2002.
- SCOTT, Joan Wallace. *A Cidadã Paradoxal. As Feministas Francesas e os Direitos do Homem*. Florianópolis: Mulheres, 2002.
- SCOTT, Joan Wallace. A Useful Category of Historical Analysis. *The American Historical Review*, Bloomington, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, Dec., 1986.
- SCOTT, Joan Wallace. El género: una categoría útil para el análisis histórico. In: LAMAS, M. (org.). *El género: la construcción cultural de la diferencia sexual*. México: Universidad Nacional Autónoma de México – Programa Universitario de Estudios de Género, 1996.
- SCOTT, Joan Wallace. *Gender and the Politics of History*. New York, Columbia UPress, 1999.
- SCOTT, Joan Wallace. Historia das mulheres. In: BURKE, P. (org.). *A escrita da História*. São Paulo: Unesp, 1992. p. 64-94.
- SCOTT, Joan Wallace. Prefácio a Gender and Politics of History. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.3, p. 11-27, 1994.
- THOMPSON, Augustine. The Origins of Religious Mendicancy in Medieval Europe. In: PRUDLO, Donald (ed). *The Origin, Development, and Refinement of Medieval Religious Mendicancies*. Leiden: Brill, 2011. p. 3-30.
- SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Uma proposta de leitura histórica de fontes textuais em pesquisas qualitativas. *Signum*, Belo Horizonte, v.16, p.131 - 153, 2015.
- VAUCHEZ, A. As ordens mendicantes. In: CORBIN, Alain (dir.) *História do Cristianismo: para compreender melhor nosso tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 213-217.